

## ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DA POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA: UM ESTUDO DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS DE JAVIER MILEI

Patricia da Costa Machado<sup>1</sup>  
Nicole Bolzan Streibel<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo propõe-se a realizar um estudo de análise de conteúdo referente aos pronunciamentos de Javier Milei e investigar sua influência na formulação da política externa argentina. Para tanto, será utilizada a metodologia de análise de conteúdo, baseando-se em entrevistas, publicações e discursos. Concluiu-se que as declarações de Milei representam uma abordagem não tradicional na diplomacia Argentina, ao mesmo tempo que introduzem novas perspectivas no cenário político argentino. Essa postura alinha-se à teoria do Realismo Periférico, ao mesmo tempo que apresenta implicações para a autonomia estratégica do país e sua inserção no cenário internacional.

**Palavras-chave:** Javier Milei; Política Externa argentina; Realismo Periférico.

### RESUMEN

El presente artículo se propone realizar un estudio de análisis de contenido sobre los pronunciamientos de Javier Milei e investigar su influencia en la formulación de la política exterior argentina. Para ello, se emplea la metodología de análisis de contenido, basada en entrevistas, publicaciones y discursos. Se concluye que las declaraciones de Milei representan un enfoque no tradicional en la diplomacia argentina, al mismo tiempo que introducen nuevas perspectivas en el panorama político del país. Esta postura se alinea con la teoría del Realismo Periférico, mientras presenta implicaciones para la autonomía estratégica de Argentina y su inserción en el escenario internacional.

**Palabras-llaves:** Javier Milei; Política Exterior argentina; Realismo Periférico.

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2023, o cenário político argentino foi marcado por uma grande mudança ideológica: a eleição do candidato autointitulado libertário, Javier Milei, do partido *La Libertad Avanza*, com quase 56% dos votos<sup>3</sup>. Esse evento gerou interesse internacional sobre as possíveis consequências no âmbito das relações externas do país.

Diante do cenário político e econômico atual, a política externa tem se mostrado uma peça chave no que diz respeito à interação entre Estados. De acordo com Marcel Merle<sup>4</sup>, a política externa é constituída por um conjunto de iniciativas que surgem a partir do ator estatal, visando mobilizar o máximo de recursos

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Profa. Dra. Patricia da Costa Machado. E-mail: patricia.machado@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 15 de dez. de 2024.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Profa. Dra. Patricia da Costa Machado. E-mail: nicolebolzanstreibel@gmail.com Data de entrega: 15 de dez. de 2024.

<sup>3</sup> PORTO, Douglas. Javier Milei é eleito presidente da Argentina. CNN Brasil. 2023.

<sup>4</sup> MERLE, Marcel; BRAILLARD, Philippe. Política externa e relações internacionais. Teoria das relações internacionais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. p. 260. *apud* FIGUEIRA, Ariane Roder. Introdução à análise de política externa, São Paulo: Saraiva, 2011.

disponíveis em diversas esferas, sejam em ambientes internos ou externos. Essas iniciativas abrangem desde negociações bilaterais até a participação em fóruns internacionais.

No contexto argentino, a política externa representa um papel essencial na promoção dos interesses nacionais, assim como a busca por uma maior inserção internacional. Durante muito tempo as relações internacionais foram marcadas majoritariamente por agendas e pautas da esquerda argentina, refletindo um alinhamento ideológico com governos progressistas em todo mundo. No entanto, com a eleição do candidato de extrema-direita Javier Milei representou uma alteração no paradigma na condução das relações diplomáticas, com uma visão política e econômica que sinaliza uma nova abordagem no jogo internacional da Argentina.

Os discursos anti-establishment<sup>5</sup> e suas propostas econômicas radicais ecoaram sob eleitores descontentes com os mandatos anteriores e que buscavam outra alternativa nas políticas tradicionais. Além disso, sua postura tem impactado diretamente a diplomacia da Argentina, sinalizando uma mudança nos objetivos e nas estratégias de inserção internacional do país. Essa nova abordagem inclui críticas contundentes a potências como China e Brasil, países com os quais a Argentina mantém relações econômicas estreitas, e uma disposição de alinhar-se mais diretamente com potências ocidentais, como os Estados Unidos. Essas ações representam, como mencionado anteriormente, uma mudança na postura diplomática da Argentina, repercutindo em temas como integração regional e relações bilaterais, os quais serão analisadas mais profundamente neste artigo.

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo responder ao seguinte problema de pesquisa: De que maneira os discursos de Javier Milei apontam para a compreensão das diretrizes da política externa argentina no seu mandato? É possível identificar a política externa de Milei com a teoria do Realismo Periférico?

Para isso, a metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na análise de discurso, uma abordagem que permite investigar não apenas o conteúdo, mas também o contexto e as implicações das declarações e ações diplomáticas. O estudo busca oferecer uma visão sistemática e objetiva das mensagens, abrangendo uma ampla gama de materiais, como discursos políticos, entrevistas, documentos oficiais e conteúdos produzidos em fóruns internacionais. Deste modo, é possível compreender como as falas e atitudes do governo de Javier Milei articulam seus objetivos e estratégias de política externa.

A análise foi aplicada a discursos oficiais, entrevistas do presidente e sua equipe, além de documentação gerada em fóruns internacionais, que fornecem uma base para estudo e posicionamentos do governo. Assim, esses materiais foram examinados com o objetivo de identificar temas da pauta de política externa e como eles refletem ou redefinem a inserção da Argentina no cenário global. O foco está na relação entre o discurso e a prática diplomática, buscando compreender as implicações dessas mensagens para a imagem e os interesses da Argentina no sistema internacional.

O trabalho será dividido em três partes principais. A primeira analisa o contexto histórico da política externa argentina no século XX, destacando as dinâmicas regionais e globais que moldaram as decisões diplomáticas do país ao longo desse período. A segunda parte explora as transformações ocorridas no

---

<sup>5</sup> “Anti-establishment” é um termo utilizado na Teoria Política para se referir a posição que se opõe às normas estabelecidas dentro de uma sociedade. Dessa maneira, manifestando críticas em relação às instituições tradicionais.

século XXI, com foco nas mudanças de prioridades e estratégias em resposta aos desafios contemporâneos. Por fim, a última seção se concentra em uma análise da política externa do governo Milei, considerando suas declarações e ações, e avaliando as implicações para a posição da Argentina no cenário internacional.

## 2. POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA NO SÉCULO XX

### 2.1 Estrutura da Política Externa Argentina

A política externa argentina é um conjunto das interações entre as diretrizes estabelecidas pelo Estado e das decisões dos líderes governamentais, o que se denomina convergência entre política externa de Estado e Governo. A Constituição Argentina fundamenta as bases legais para atuação em matéria e assuntos internacionais, estabelecendo como a política externa deve ser moldada e quais princípios a orientam. Dessa maneira, a política externa é projetada para alinhar-se aos interesses nacionais e prioridades estratégicas.

A constituição argentina especifica as competências e responsabilidades dos atores que administram o país, sendo eles tanto Congresso quanto Presidente no que diz respeito à área internacional. Em conformidade com o artigo 75, inciso 13 e 22, cabe ao Congresso da Nação Argentina: “13.- *Reglar el comercio con las naciones extranjeras, y de las provincias entre sí.* 22.- *Aprobar o desechar tratados concluidos con las demás naciones y con las organizaciones internacionales y los concordatos con la Santa Sede.*”<sup>6</sup>. Além disso, de acordo com o artigo 99, inciso 7, 11 e 15<sup>7</sup>, o Presidente tem a competência de nomear e remover embaixadores, nomear e remover agentes consulares, concluir e assinar tratados e outras negociações em prol da manutenção das boas relações com as organizações internacionais e nações estrangeiras e declarar guerra após a autorização do Congresso.

Esses dispositivos delimitam a estrutura de atuação de cada ator, tendo papéis distintos - mas complementares - na formulação e execução da política externa. Dentro desse contexto, o Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto, conhecido como *Cancillería*, possui um papel central na execução dessa política. A *Cancillería* é o principal órgão responsável pela gestão das relações internacionais da Argentina, coordenando e executando de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo Congresso e o Presidente.

### 2.2 Base da Política Externa

O modo de inserção de um país é influenciado pelos fatores e particularidades políticas, culturais, sociais, econômicas e internacionais. Dessa maneira, a política externa de um país está altamente relacionada a esses fatores externos e internos, sendo eles os dois níveis de análise. Ao longo dos anos, a política externa argentina passou por várias mudanças, adaptando-se às condições internas e externas.

Entretanto, como destaca o pesquisador Alejandro Simonoff,

<sup>6</sup> ARGENTINA, Constitución de La Nación Argentina, 1994. Buenos Aires, Cámara de Diputados de la Nación.

<sup>7</sup> ARGENTINA, Constitución de La Nación Argentina, 1994. Buenos Aires, Cámara de Diputados de la Nación.

Tanto la identidad internacional y el interés nacional, como la inserción externa y la autonomía, son cuatro conceptos que más allá de sus respectivas definiciones y discusiones, representan la actualidad de lo que no fue viabilizado en los doscientos años de la política exterior argentina.<sup>8</sup>

Isso significa que, ao analisar a política externa argentina, esses quatro conceitos devem reger as diretrizes principais. Entretanto, como citado anteriormente, os conceitos não foram totalmente implementados durante os anos, porque, como será analisado, na história da política externa argentina houve uma lacuna entre a teoria, as bases e a prática.

Ademais, a relação entre a política externa de Estado e de Governo não estavam historicamente alinhadas, com uma delas (de Governo) prevalecendo sobre a outra. Assim como sinaliza Simonoff,

Como suele señalarse, este interés termina siendo el interés de los hacedores de la política exterior, es decir, de quienes deciden o hacen decidir porque tienen la mayor capacidad de imposición en la formulación de esa política. De algún modo, y sin ánimo de extender este punto de vista, el interés nacional en la política exterior argentina ha sido determinado de esa forma.<sup>9</sup>

Dessa maneira, ao longo do tempo, as decisões de política externa argentina têm sido moldadas pelas prioridades dos governos, que frequentemente privilegiam suas próprias agendas em detrimento de uma política de Estado mais homogênea. Isso evidencia um processo em que interesses momentâneos e ideológicos acabam sobrepondo-se a uma estratégia mais constante e autônoma.

### 2.3 Histórico da Política Externa no Século XX

A história da política externa argentina é marcada pela complexa interação entre o nível interno e externo. Durante os séculos a Argentina sempre buscou reforçar sua atuação internacional e regional, que moldaram as suas relações.

No começo do século XX no contexto da Primeira Guerra Mundial, a Argentina manteve a neutralidade, focando em beneficiar-se do conflito, principalmente de forma econômica, e criar uma estratégia autonomista com superação dos vínculos de influência hegemônica. Apesar da vertente autonomista, o presidente Hipólito Yrigoyen (1916-1922)<sup>10</sup> manteve fortes relações com os países vizinhos e como menciona Simonoff, “intentó crear las bases de una entidad americana a través de la cual se pudiera hacer contrapeso a la creciente influencia norteamericana.”<sup>11</sup> Durante esse período, a Argentina se retirou da Liga das Nações e manteve boas relações comerciais, principalmente com a Grã-Bretanha.

Entre 1922 e 1928 o país foi regido pelo Presidente Marcelo T. de Alvear, que teve diferentes enfoques de Política Exterior, embora tenha mantido as linhas

<sup>8</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>9</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>10</sup> Período correspondente ao primeiro mandato do Presidente Hipólito Yrigoyen.

<sup>11</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo: las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

básicas do governo anterior. Um dos principais pontos da sua política foi a questão do prestígio da Nação Argentina, ou seja, tinha a preocupação de como o Estado era percebido e visto em âmbito interno e externo. Ademais, conservou as relações com os países Latino americanos mesmo em momentos de tensões regionais, como cita Simonoff,

En este caso en el gobierno argentino primó el criterio de armonizar políticas, siendo esta una decisión donde se percibe una diferencia con el enfoque sostenido por los radicales durante la etapa previa, cuando se reclamaba una política de equilibrio de poder<sup>12</sup>

Mesmo com o forte vínculo com os países Latino Americanos, houve a triangulação econômica das relações entre Argentina, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Como descreve José Paradiso<sup>13</sup>, essa triangulação se deu principalmente pela exportação de carne e nesse entorno que se articulava a coalizão de interesses econômicos mais poderosa do país.

Em 1928 Hipólito Yrigoyen chegou à presidência novamente e determinou o princípio de reciprocidade comercial como critério para as relações internacionais. Apesar de esse ser um dos principais pontos para renovação dos laços com a Grã-Bretanha, o Presidente não ficou preso apenas nesse viés, ele buscou estratégias para ganhar mais margem de autonomia para a Argentina, como exemplo a exportação de combustível para a União Soviética. Dessa maneira, como cita Bravi,

El acuerdo (de exportación de combustible) fue muy importante como estrategia de diversificación de mercados permitiéndonos reducir la dependencia hacia el mercado norteamericano y tener así un manejo más autónomo.<sup>14</sup>

No final do mandato de Yrigoyen, começou um período complexo no sistema internacional, a Crise de 1929<sup>15</sup>. Nesse momento, começaram os primeiros reflexos da crise, alterando a estratégia de política exterior.

A partir de 29 e o começo da Segunda Guerra Mundial, a relação triangular econômica entre Argentina, Estados Unidos e Grã-Bretanha enfraqueceu. A Argentina começou a dar preferência para a relação com os norte-americanos. A partir desse cenário, como menciona Paradiso,

Os Argentinos dedicaram parte da sua energia a debater novas opções políticas e econômicas (...) e uma nova política exterior. Em suma, um novo modo de estar no mundo, com tudo que isso significava em termos de especialização, níveis de abertura, sistema de alianças, identificações ideológicas, dentre outros.<sup>16</sup>

<sup>12</sup> SIMONOFF, 1999 *apud* SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>13</sup> PARADISO, José. Um Lugar no Mundo: A Argentina e a Busca de Identidade Internacional. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

<sup>14</sup> BRAVI, Bárbara; et al. Los atisbos autonomistas: Las políticas exteriores de los gobiernos radicales (1916-1930). In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>15</sup> Crise na Bolsa de Valores de Nova York. Esse evento marcou uma crise econômica global.

<sup>16</sup> PARADISO, José. Um Lugar no Mundo: A Argentina e a Busca de Identidade Internacional. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

Na Segunda Guerra Mundial, a Argentina optou por uma postura de neutralidade, alinhada à tradição de não intervenção da Primeira Guerra. Essa posição trouxe impactos negativos na relação com os Estados Unidos. A política externa da Argentina, nesse momento, ficou marcada pela ambiguidade. Porém, os estadunidenses começaram a exercer pressões políticas e econômicas, mantendo a Argentina afastada dos outros países do continente.

No final da Segunda Guerra, no contexto de Guerra Fria, ocorreu a ascensão de Juan Domingo Perón (1946-1955)<sup>17</sup> ao poder. Sua política ficou conhecida como “Terceira Posição”, ou seja, um meio termo entre o capitalismo (dos Estados Unidos) e o comunismo (da União Soviética). Ele estreia uma política externa distinta das anteriores, onde coloca o pragmatismo no centro. Perón também buscava posicionar-se como uma liderança solidária<sup>18</sup> na América Latina, assim incrementando a autonomia nacional e continental. Ademais, buscava adquirir uma dimensão política-estratégica relevante no sistema internacional, com a recomposição da imagem argentina e busca por uma maior margem de manobra intra e interblocos, oferecendo um modelo alternativo de relações internacionais. Além disso, a política exterior ficou marcada por tentativas de implementar um papel de importância, para os países menores nos fóruns internacionais, como a ONU. Também criticou as grandes potências e defendeu as reivindicações do Sul contra o Norte.

A partir do golpe militar que retirou Perón do poder, levando-o ao exílio na Espanha, começou o período da segunda ditadura argentina, a autodenominada “Revolução Libertadora (1955-1958)”, que entre outras iniciativas, fechou o Partido Justicialista, proibindo o peronismo em qualquer de suas formas. A política externa foi marcada por uma inserção internacional acrítica, com maior apoio aos Estados Unidos. Apesar disso, essa época foi voltada mais para o viés interno, sem uma política externa forte. Segundo Alejandro Simonoff,

El peronismo de los años cuarenta y cincuenta constituyó el primero dada su originalidad: “la tercera posición”. Con su caída se generó una nueva situación de debilidad institucional –como en los años treinta– que no permitió a nuestro país tener ni una constante ni una coherente política para revertir la situación<sup>19</sup>

Com as eleições de 1958, a Argentina retornou a um breve período democrática com a presidência de Arturo Frondizi (1958-1962). Como define Puig<sup>20</sup>, neste período a política externa ficou definida como Autonomia Heterodoxa, no qual buscava-se uma forma de autonomia sem alinhar rigidamente com os interesses das potências dominantes, permitindo ao país manter sua própria identidade e interesses nacionais. Na parte econômica, implantou o começo do desenvolvimentismo e o começo da criação da Associação Latinoamericana de Livre Comércio (ALALC). O final do seu governo foi marcado pela deposição do Presidente pelas Forças Armadas, no terceiro golpe militar do século.

<sup>17</sup> Período correspondente ao primeiro mandato do Presidente Perón.

<sup>18</sup> Política que enfatiza a cooperação e o suporte mútuo dentro da América Latina.

<sup>19</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>20</sup> PUIG, 1998 *apud* SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

No curto período de 1962 até 1963, assumiu o Presidente José María Guido. O alinhamento automático com os Estados Unidos definiu a política exterior nesse momento. De acordo com Alejandro Simonoff, o apoio aos estadunidenses na crise dos mísseis em Cuba

fue trascendente, ya que cambió una posición histórica de la Argentina, la neutralidad. El apoyo dado por el país en ese conflicto marcó el primer alineamiento automático en nuestra relación con Estados Unidos.<sup>21</sup>

Além disso, o governo Guido foi marcado por intensos conflitos internos e pela forte influência do anticomunismo na formulação das políticas, tanto internas quanto externas. No governo seguinte, sob Arturo Umberto Illia (1963-1966), a política externa se destacou pela busca de integração com os países vizinhos e por garantir a segurança econômica do país. Illia procurou equilibrar a relação desigual com os Estados Unidos ao buscar novos parceiros econômicos e enfatizou a autonomia como um tema central em sua estratégia externa. Além disso, a reivindicação das Ilhas Malvinas<sup>22</sup> foi uma parte importante de sua política externa, refletindo a persistente disputa territorial com o Reino Unido.

Em 1966, um golpe militar deu início a mais uma ditadura que se autodenominava “Revolução Argentina”, liderada pelos militares Juan Carlos Onganía (1966-1970), Marcelo Levingston (1970-1971) e Alejandro Agustín Lanusse (1971-1973). A política deste período focou na tomada de medidas estratégicas e militares e na busca do exercício da soberania nacional. Os critérios ordenadores eram a busca por uma Argentina Ocidental, contra o comunismo e demandas securitárias, com aproximação de países com a mesma fronteira ideológica.

A volta do peronismo ao poder, em 1973 depois do período ditatorial, corresponde aos mandatos de Héctor José de Cámpora (1973-1973), Raúl Lastiri (1973-1973), Juan Domingos Perón (1973-1974) e María Estela Martínez de Perón (1974-1976). No início, a Argentina estava passando por uma intensa tensão política-social internamente, o que dificultou o foco no nível externo porém havia um destaque na questão antiimperialista. Perón mantinha a proposta por uma política externa independente das grandes potências. Também mantinha a proposta de união e cooperação com a América Latina. Como cita Agustina González,

Esta política exterior independiente implicó para nuestro país dos cambios sustanciales: por un lado, se debió pensar en una apertura hacia nuevos mercados para la colocación de productos de fabricación nacional, es decir, avanzar hacia la diversificación de la oferta de mercados receptores de producción argentina; y por otro lado, implicó impulsar desde el gobierno la unión latinoamericana, para luego, como bloque, conquistar el Mercado Común Europeo, el cual era visto como prioritario por Perón. Esto le permitiría a Argentina en particular y a América Latina en general independizarse del mercado norteamericano, sustituyendo al mismo por el europeo.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>22</sup> As Ilhas Malvinas são objeto de disputa entre Argentina e Reino Unido, sendo administradas pelo Reino Unido, enquanto a Argentina reivindica sua soberania sobre o território. A disputa pelas ilhas culminou na Guerra das Malvinas em 1982.

<sup>23</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

Em 1974, Juan Domingos faleceu em virtude de um ataque cardíaco. Sua vice-presidenta era sua segunda esposa, Maria Estela Martínez de Perón, que tomou posse e se tornou a primeira mulher a ocupar a Casa Rosada. Com isso, houve um afastamento da ideia de junção latinoamericana e uma aproximação com os Estados Unidos. O objetivo seria ser a “voz” dos EUA na América Latina mas esse papel ficou pertencente ao Brasil, devido a ser o sócio estratégico de Washington. Após uma série de problemas internos, o governo foi retirado por outro golpe militar.

Em 1976, um golpe militar deu início à ditadura que durou até 1983, deixando um saldo de milhares de mortos e desaparecidos. De acordo com Gómez e Berj,

La violación sistemática de los derechos de miles de argentinos que fueron secuestrados, torturados y asesinados en centros clandestinos de detención a lo largo de todo el país, se les sumó el secuestro de aquellos niños nacidos en cautiverio, que fueron entregados o vendidos a familias que no eran la propia. La desaparición de personas fue una de las acciones que más se repitió y aún se reclama por su aparición.<sup>24</sup>

A primeira Junta Militar, encabeçada por Jorge Rafael Videla (1976-1981) deu início ao modelo interno que era composto por repressão, onde indivíduos consideradas “subversivos” foram declarados inimigos do governo e era usando o Terrorismo de Estado para manter a ordem. O caráter interno refletiu nas relações exteriores do país com, por exemplo, o afastamento das relações com os Estados Unidos, uma vez que o presidente Carter estava focado na proteção dos Direitos Humanos violados no território argentino, assim como menciona Gómez e Berj,

Con la administración de Carter sobre todo se pusieron en peligro los objetivos básicos del gobierno militar, ya que aquella condenaba las violaciones a los Derechos Humanos que se estaban llevando a cabo en nuestro país.<sup>25</sup>

Apesar da grande luta contra o comunismo, a Argentina manteve grandes relações econômicas com a União Soviética (por não se envolver na política interna), o que se tornou um problema de dependência para os argentinos.

Em 1981, assume o General Leopoldo Fortunato Galtieri, que estruturou sua política na reaproximação com os Estados Unidos. Em 1982, como uma reação ao impopular movimento interno do país, a Argentina declarou guerra para recuperar a soberania das Ilhas Malvinas e acabou sendo derrotada. Galtieri renunciou e a guerra traz repercussões negativas da visão da Argentina no sistema internacional. Com a chegada de Reynaldo Bignone (1982-1983), o objetivo de política externa foi focado no restabelecimento da imagem argentina, na defesa do anticolonialismo e nos conflitos internos. Pode-se então caracterizar que a política exterior durante a ditadura civil-militar foi reflexo do âmbito interno.

<sup>24</sup> GÓMEZ, Federico. BERJ, Cristen. Política exterior del “Proceso de Reorganización Nacional” (1976-1983). In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>25</sup> GÓMEZ, Federico. BERJ, Cristen. Política exterior del “Proceso de Reorganización Nacional” (1976-1983). In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

Com o retorno da democracia, chegou ao poder Raúl Alfonsín (1983-1989). Nesse momento, houve uma grande transformação de política externa, em relação aos governos anteriores. De acordo com María Delicia Zurita,

siguió los lineamientos planteados por Yrigoyen durante sus mandatos en relación a una política exterior que fomentase la paz y armonía entre los pueblos<sup>26</sup>.

Nesse contexto, o país buscou manter a estabilidade democrática, sua autonomia (independência e controle sobre seus assuntos internos), alinhar a Argentina com princípios de direitos humanos e obter uma postura cooperativa na arena internacional. O objetivo também foi normalizar as relações com os países vizinhos, como exemplo, a relação com o Brasil que ressurgiu, com a criação do Mercosul.

A política exterior da Argentina, a partir da presidência de Carlos Menem (1989-1999), sofreu novas alterações. Ele alinou-se ao neoliberalismo presente nos anos 90 e restabeleceu uma grande aliança com os Estados Unidos, com alinhamento automático. Sua gestão priorizou uma inserção internacional voltada para o comércio. A teoria do Realismo Periférico, desenvolvida na década de 80, serviu como uma das bases para essa estratégia,

A principal transformação foi a mudança de foco na busca por autonomia, que deu lugar ao alinhamento com os Estados Unidos. Enquanto com o Brasil, a ênfase foi colocada em acordos de segurança e construção de confiança mútua. Esses objetivos se basearam na herança do governo de Raúl Alfonsín. Dessa maneira, pode-se afirmar que os eixos principais da política externa de Menem são o abandono de posturas confrontativas com países desenvolvidos, a limitação do foco a questões econômicas, a redução da autonomia no sistema internacional e a defesa dos valores ocidentais e capitalistas.

### 2.3.1 Realismo Periférico

A teoria do Realismo Periférico (RP), como mencionado no tópico 2, é criada pelo cientista político Carlos Escudé. O Realismo periférico surge para explicar como um país periférico, como a Argentina, articula sua política externa em uma arena internacional dominada por potências centrais.

Para Escudé, o sistema internacional é desigual até mesmo de forma jurídica, como menciona

En verdad, ni siquiera jurídicamente tienen los Estados los mismos derechos: la Carta de las Naciones Unidas establece la desigualdad jurídica de los Estados. Los miembros permanentes del Consejo de Seguridad tienen poder para contribuir a forjar las reglas de juego, mientras la gran mayoría se ve obligada a comportarse según las normas establecidas por ese oligopolio.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> ZURITA, María Zurita. La política exterior de Alfonsín (1983-1989). In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

<sup>27</sup> ESCUDÉ, Carlos. REALISMO PERIFÉRICO. In: DEVÉS, Eduardo; ÁLVAREZ, T. Silvia. (eds.). Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras. 1. ed. Ariadna Ediciones. 2020. p. 35-39.

Para ele, o sistema é dividido em três partes: os formuladores de normas, os tomadores das normas e os rebeldes. Dessa maneira, a teoria crítica o modelo realista tradicional, que sugere que o sistema internacional é anárquico, como menciona Escudé

Esta es la “estructura” del orden interestatal: no es una “anarquía”, como postulara Kenneth Waltz, sino una proto-jerarquía (1979). Y este sencillo teorema es la piedra basal del RP que, con matices (y lo reconozcan o no sus gobernantes), caracteriza a las políticas exteriores de casi todos los países latinoamericanos.<sup>28</sup>

Além disso, a premissa central é que, embora os Estados possuam uma capacidade de agir de maneira autônoma no cenário internacional, essa liberdade é limitada por fatores internos, condições sociais e políticas. Dessa maneira, a política externa de países periféricos deve ser entendida dentro de um contexto de dependência, vulnerabilidade e busca por autonomia. A teoria de Escudé considera as limitações estruturais impostas pela dinâmica de poder, enfatizando que os Estados periféricos devem adotar estratégias específicas para “sobreviver” nesse contexto.

Entretanto, Escudé propõe que a autonomia não deve ser medida apenas em termos de liberdade de ação mas também em relação aos custos associados ao uso dela. Ele enfatiza a diferenciação entre “investimento em autonomia” - ações tomadas para aumentar o poder do Estado - e “consumo de autonomia” - quando essa liberdade é usada sem um retorno efetivo -. Segundo Escudé, “Todo Estado mediano tem uma liberdade de ação quase ilimitada”<sup>29</sup> e os líderes desses países podem agir sem considerar as consequências de suas decisões.

Dessa maneira, na teoria de Escudé as tentativas de mudança no status-quo do sistema internacional podem ter um custo muito alto e exigem uma acumulação de poder significativa, tanto para efetuar pressões quanto para resistir a ações externas. Como cita Matheus de Oliveira Pereira,

Tentativas de modificação da ordem vigente, por sua vez, são iniciativas custosas, que demandam um volume expressivo de recursos de poder tanto para fazer pressões efetivas como para resistir às reações dos que se veem afetados pelas alterações de poder relativas. A conclusão é simples: na ausência de condições efetivas para alterar a ordem, resta apenas aceitá-la. O realismo dos países da periferia, portanto, não é a política de poder, mas a resignação.<sup>30</sup>

Assim, a Política Externa dos Estados periféricos deveria medir os custos, reconhecendo as debilidades do país, e evitando confrontos com as potências hegemônicas.

Outrossim, Escudé usa da teoria no âmbito econômico, que sugere que a política externa deve ser usada para promover o comércio, facilitando o acesso aos

<sup>28</sup> ESCUDÉ, Carlos. REALISMO PERIFÉRICO. In: DEVÉS, Eduardo; ÁLVAREZ, T. Silvia. (eds.). Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras. 1. ed. Ariadna Ediciones. 2020. p. 35-39.

<sup>29</sup> ESCUDÉ, Carlos *apud* PEREIRA, de Oliveira Matheus. Autonomia e Política Externa em Juan Carlos Puig e Carlos Escudé. Revista Carta Internacional. 2023.

<sup>30</sup> PEREIRA, de Oliveira Matheus. Autonomia e Política Externa em Juan Carlos Puig e Carlos Escudé. Revista Carta Internacional. 2023.

mercados e defendendo os interesses nos fóruns comerciais. Nesse cenário, os países periféricos devem adotar uma estratégia de não confrontação com atores desenvolvidos e devem alinhar-se aos interesses desses atores desde que não comprometam os interesses econômicos do país.

Em conclusão, o Realismo Periférico sugere que, na ausência de condições efetivas para alterar a ordem internacional, o não enfrentamento aos interesses dos Estados centrais é uma estratégia viável. Nesse ambiente, os Estados periféricos devem aceitar a realidade de sua posição no sistema global.

### 2.3.1.1 Teoria no Contexto Menem

Em analogia à Teoria do Realismo Periférico, conforme explorado no tópico 1, a Argentina adotou uma postura neutra, especialmente em conflitos, que frequentemente entrava em desacordo com os interesses das potências centrais. Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a Guerra das Malvinas, na qual a Argentina buscou afirmar sua autonomia e soberania em um contexto de poder assimétrico, enfrentando altos custos como consequência dessa ação.

O governo de Carlos Menem (1989-1999) marcou uma mudança significativa na política externa argentina. Durante seu mandato, Menem abandonou a postura confrontativa, conforme sugere a teoria de Escudé. Ele redirecionou a política externa para focar em questões econômicas, alinhando-se aos Estados Unidos e reduzindo sua atuação autônoma.

Essa transformação de comportamento corroborou a teoria de Carlos Escudé. Nesse período, a Argentina priorizou sua integração na economia global, aceitando um alinhamento com as potências em troca de ganhos econômicos.

## 3. POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA NO SÉCULO XXI

O século XXI começa com o mandato de Fernando De La Rúa (1999-2001). O novo governo argentino buscou se distanciar do anterior, enfatizando uma política exterior diferenciada. Como menciona Pilar Rafanelli,

Los gobiernos posmenemistas asumieron como rasgo común, la imperiosa necesidad de diferenciarse de la gestión de Menem, mucho más que entre ellos. Esto implicaba replantearse los términos en los que había operado hasta entonces el eje de la política de los noventa, la relación con Estados Unidos, de modo que el tema dominante fue las tensiones que generen las relaciones con Washington y Brasilia, asumiendo en cada período características particulares.<sup>31</sup>

O objetivo de De La Rúa foi transformar a política externa em um instrumento coerente na defesa dos interesses nacionais, com foco na integração sul-americana, na paz e segurança internacional e na democratização do sistema global. Além disso, o governo também buscou uma maior democratização das Nações Unidas e reabriu as negociações sobre a soberania das Ilhas Malvinas. De la Rúa procurou manter as relações com os Estados Unidos, mas se desviando das “relações carnis” do governo Menem.

<sup>31</sup> RAFANELLI, Pilar. Las relaciones exteriores del gobierno de “La Alianza” (1999-2001). In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010. p. 387-397.

A agenda política da gestão do presidente De la Rúa se caracterizou principalmente por uma maior importância atribuída à economia, ao comércio e às finanças como formas de resolver a crise econômica e o endividamento externo. A administração de De la Rúa tentou fortalecer o vínculo entre Argentina e Brasil, alcançando pequenos avanços no Mercosul. As pequenas diferenças em relação à política exterior de Menem se manifestaram em um retorno do interesse pela Europa, em particular pela Espanha, que se tornou o principal investidor externo da Argentina. Nesse momento, a Argentina passou por uma crise econômica, de 2001, e social profunda. Em resposta a essa instabilidade, De La Rúa renunciou ao cargo.

Com a instabilidade argentina, Néstor Carlos Kirchner (2003-2007) assumiu o cargo. Sua política externa ficou marcada por uma virada de comportamento. Ademais, como menciona Simonoff,

El primero de los presupuestos de esta política exterior fue el alejamiento del modelo neoconservador de los noventa, expresado en el realismo periférico escudeano.<sup>32</sup>

Néstor Kirchner estabeleceu diretrizes autonomistas, institucionalistas e neodesenvolvistas para sua política externa. Ele promoveu iniciativas multilaterais em segurança, política regional e no Mercosul, além de estratégias de diversificação de mercados, negociações financeiras e políticas relacionadas à soberania das Malvinas.

A gestão kirchnerista se caracterizou por uma interpretação crítica da ordem internacional da primeira década do século XXI, ligada ao ideário político dos anos setenta e ao reformismo, profundamente conectada às ideias do pensamento peronista. Outrossim, a política exterior foi marcada pela diversificação dos vínculos comerciais, especialmente com China e Rússia. Como cita Simonoff,

El tercer punto que escogimos en nuestro análisis de la agenda fue el referido a la apertura y diversificación de nuestro comercio exterior. Aquí el gobierno pudo exhibir uno de sus mayores logros. Este plano fue complementado con una estrategia de apertura comercial que buscó incrementar “sustancialmente nuestro intercambio con el resto del mundo”, diversificando y desconcentrando nuestro comercio exterior, generando negociaciones simultáneas y permanentes “en todos los foros de negociación que involucren a nuestro país (FPV, 2003)” .<sup>33</sup>

Kirchner adotou uma postura mais independente e assertiva, buscando distanciar-se da influência dos Estados Unidos e reorientar o país em direção à América Latina. Uma das prioridades de seu governo foi fortalecer a integração regional, desenvolvendo projetos de cooperação entre os países sul-americanos, o que resultou na criação da Unasul (União de Nações Sul-Americanas) em 2004. Também defendia a postura revisionista em espaços multilaterais e a articulação da agenda externa com as necessidades de um desenvolvimento nacional autônomo.

<sup>32</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010. p. 387-397.

<sup>33</sup> SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010. p. 387-397.

De 2007 até 2015, assumiu a presidência Cristina Fernández de Kirchner. A política exterior de Cristina manteve a linha de seu predecessor, Néstor Kirchner, focando na inserção latino-americana e na autonomia em relação aos Estados Unidos. Cristina buscou uma maior participação da Argentina no cenário internacional, promovendo o multilateralismo e defendendo uma agenda de direitos humanos. Durante seu governo, a presidenta enfrentou desafios internos, como o conflito com o setor agropecuário e a crise financeira de 2008, que afetaram as pautas de política exterior.

Cristina também deu continuidade à reivindicação da soberania sobre as Ilhas Malvinas, buscando apoio internacional e promovendo a defesa dos interesses argentinos em relação às atividades britânicas exploratórias de recursos na região. Um ponto de tensão durante o mandato de Cristina foi a relação bilateral com a Espanha, especialmente após a decisão do governo argentino de nacionalizar partes de empresas espanholas, como a petroleira YPF.

Após o mandato de Cristina Kirchner, o governo de Mauricio Macri (2015-2019) trouxe uma mudança significativa na política externa argentina, com um claro afastamento da orientação adotada pelos governos anteriores. A política externa de Macri ficou marcada por uma "inserção pró-ocidente", buscando um maior alinhamento com países desenvolvidos e instituições financeiras internacionais. Como mencionam Busso e Barreto, esse modelo de inserção implicava, entre outras coisas

a) encumbrar los vínculos con EE.UU. y países de Europa como Alemania, España, Italia, Gran Bretaña y Holanda e incrementar los contactos con Canadá y Japón; b) aceptar las relaciones con los organismos multilaterales de crédito (FMI y BM) y otros espacios multilaterales (Organización Mundial del Comercio y G20 financiero); c) recomponer los contactos con el sector financiero internacional y con las empresas multinacionales; d) disminuir la relevancia de Latinoamérica como un ámbito natural de inserción para Argentina y reorientar las relaciones solo hacia los países con propuestas político-económicas semejantes; e) otorgarle a la crisis venezolana el lugar más relevante de la gestión externa hacia la región; f) desjerarquizar los vínculos con China y Rusia y g) empequeñecer el rol de la dimensión internacional de la política de derechos humanos.<sup>34</sup>

Dessa maneira, a mudança de orientação representou uma tentativa de reposicionar a Argentina no cenário global. Macri privilegiou a integração com economias de mercado mais desenvolvidas e diminuiu o foco nas alianças regionais tradicionais e nas economias emergentes. A gestão de Macri deixou o país em grande contexto de crise econômica e social.

Após a insatisfação com o governo anterior, ganha as eleições Alberto Ángel Fernández (2019-2023) e sua vice, a ex-presidente Cristina Kirchner. Ao contrário do governo Macri, o período Fernandez retomou o foco na integração regional, ele buscou reconstruir laços com os países vizinhos da América Latina, especialmente no âmbito do Mercosul. Essa posição foi combinada com elementos de pragmatismo econômico.

Além disso, retomou a posição tradicional de defesa da soberania, democracia, paz e dos direitos humanos. Durante seu mandato Alberto enfrentou um

<sup>34</sup> BUSSO, Anabella Estela; BARRETO, Luis Maximiliano. Política exterior y de defensa en Argentina. De los gobiernos kirchneristas a Mauricio Macri (2003-2019). URVIO Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad. 2020. [http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1390-42992020000200074](http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1390-42992020000200074)

contexto global instável, principalmente com a chegada da Pandemia do Covid-19, o que dificultou uma política exterior sólida. Outrossim, nas relações regionais, principalmente com o Brasil, o contexto também não foi favorável. Como cita Russo,

La relación con el Brasil del derechista Jair Bolsonaro ha sido tensa desde un inicio y ha estado signada por un vínculo casi nulo y hostil entre los gobernantes, que solo compartieron reuniones virtuales y únicamente se saludaron presencialmente en la cumbre del G20, celebrada en Roma en octubre del 2021. Esta situación excede a la relación personal entre Fernández y Bolsonaro, ya que se asentaría sobre un cambio en la estrategia de inserción internacional del vecino país, que implicaría un descreimiento del multilateralismo y de su pertenencia al MERCOSUR, con su consecuente relativización de la alianza con Argentina.<sup>35</sup>

No que se refere à questão das Malvinas, o governo Fernández manteve a reivindicação histórica da soberania argentina sobre as ilhas, reafirmando esse tema como uma prioridade de sua política externa. Apesar do retorno a uma política externa mais voltada para a região, o governo de Fernández herdou uma Argentina em crise econômica e social, o que limitou sua capacidade de ação no cenário internacional. Com uma conjuntura interna e externa extremamente complexa, a eleição de 2023 resultou na ascensão de Javier Gerardo Milei, um economista de orientação libertária, marcando o início de uma nova fase na política argentina.

#### 4. ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO MILEI

Neste tópico, analisaremos a política externa do governo de Javier Geraldo Milei ao longo dos 11 meses do seu mandato. Observaremos como a sua administração tratou de temas com foco nas relações internacionais, com destaque para as interações com **organismos internacionais e a atuação da Argentina, interações bilaterais, em especial com os EUA, e multilaterais**, além do **posicionamento sobre a questão Malvinas e as interações econômicas**. Assim, utilizamos postagens em redes sociais, discursos em fóruns internacionais, documentos, ações institucionais e entrevistas para análise.

Para iniciar o estudo da política externa do governo Milei, é necessário compreender sua trajetória política e o contexto que o levou ao poder, marcando uma ruptura na continuidade do governo anterior. Historicamente, como analisado, a condução da política externa argentina divergiu entre aspectos de esquerda e direita. No entanto, o atual presidente apresenta um perfil político distinto, não se alinhando aos moldes tradicionais.

Milei realizou sua campanha com discursos antissistema e ganhou destaque em meio a frustração popular com os governos anteriores, com a crescente pobreza e grande crise econômica. Além disso, ele é um ator com grande presença midiática e também nas redes sociais, onde comenta sobre suas opiniões políticas sobre diversos temas.

Com esse contexto, Milei assume o poder com uma abordagem diferenciada, que promete um novo foco na política externa argentina. Deste modo, se difere dos governos anteriores, uma vez que eles buscavam um equilíbrio entre as relações regionais e internacionais. O presidente propôs na sua campanha um

---

<sup>35</sup> RUSSO, Sebastián. EN BUSCA DEL DINAMISMO PRAGMÁTICO LA POLÍTICA EXTERIOR DE ALBERTO FERNÁNDEZ (2019-2022). Centro de Reflexión en Política Internacional – CeRPI. 2022.

reposicionamento mais alinhado com os países liberais, principalmente os Estados Unidos. Ao mesmo tempo que critica o papel das alianças regionais tradicionais.

Javier selecionou um grupo para seu mandato que reflete sua visão de Estado e suas prioridades. Seus nomeados incluíam a Ministra das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto, Diana Mondino, que é uma economista de formação e iria de encontro aos pensamentos do atual presidente. Entretanto, no dia 30 de Outubro de 2024, após a Argentina votar a favor do fim do embargo econômico contra Cuba na ONU, ela deixou o cargo. O novo chanceler escolhido foi Geraldo Werth, o antigo embaixador da Argentina nos EUA.

Para Ministro da Economia, foi escolhido o ex-ministro da economia do governo Macri e ex-presidente do Banco Central da República Argentina, Luis Caputo. O objetivo da escolha foi reposicionar a Argentina no cenário econômico e romper com as antigas ações tradicionais de economia.

A partir disso, iremos analisar os temas mencionados, levando em conta sua implicação internacional na política externa argentina. Como exibe a tabela 1, categorizamos os dados para melhor entendimento.

**Tabela 1 - Categorização dos dados utilizados para análise**

<b>Código</b>	<b>Data</b>	<b>Material analisado</b>	<b>Tema analisado</b>
4. 1	6 de Maio de 2024.	Entrevista de Javier Milei à BBC: “Os perdedores que afundaram o país agora choram pelo reconhecimento internacional que tenho”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação das Malvinas;</li> <li>• Relações bilaterais.</li> </ul>
4 2	8 de Julho de 2024.	Ausência na Cúpula do Mercosul.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interações econômicas;</li> <li>• Relações multilaterais.</li> </ul>
4.3	24 de Setembro de 2024.	Discurso na 79ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação com organismos internacionais;</li> <li>• Situação das Malvinas</li> <li>• Interações econômicas.</li> </ul>
4. 4	30 de Outubro de 2024.	Votação na Assembleia Geral das Nações Unidas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação com organismos internacionais;</li> <li>• Relações bilaterais.</li> </ul>
4.5	6 de Novembro de 2024.	Reação sobre a vitória de Trump nos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações bilaterais.</li> </ul>

		Estados Unidos.	
--	--	-----------------	--

Fonte: Elaboração própria

#### 4.1 Entrevista BBC

Na entrevista concedida a Lone Wells da BBC, Milei discutiu sobre diversos temas, como economia interna, Ilhas Malvinas e relações bilaterais. O presidente prometeu que iria reivindicar a soberania das Malvinas e na entrevista mencionou que acredita que a negociação tomará tempo. Entretanto, afirma que não irá abdicar da posição, porém não terá uma situação de conflito com o Reino Unido. Ele acredita que a opinião do Reino Unido mudará com o tempo e que este é um tema para ser discutido em outro momento. Milei também afirma que admira Margaret Thatcher, que foi a primeira-ministra durante a Guerra das Malvinas, como menciona o presidente,

Houve uma guerra e perdemos. Isso não significa que não se possa reconhecer que quem estava do outro lado eram pessoas que faziam bem o seu trabalho. E não admiro apenas Margaret Thatcher, admiro também Ronald Reagan nos Estados Unidos. E admiro profundamente Winston Churchill. E qual é o problema?<sup>36</sup>

Também comentou sobre a relação com o Estado de Israel. Milei defende a posição que Israel está realizando suas operações de acordo com as normas internacionais. Além disso, defende que Israel não cometeu nenhum excesso no conflito com a Palestina. O presidente afirma que está ao lado da liberdade, dos Estados Unidos e da Europa Ocidental.

Falou sobre a relação com a China. Discutiu que o regime comunista é assassino e que não acredita em sistemas coletivistas. Porém, acredita que na relação econômica não é necessário a contrapartida política. Por fim, sobre os EUA, afirma que independente de quem governa, a Argentina estará alinhada.

A entrevista de Milei à BBC tem implicações para a Argentina no cenário internacional. Com relação às Malvinas, a reafirmação sobre a Ilha, junto com a promessa que a questão será discutida com o Reino Unido, apresenta uma continuidade da posição histórica argentina. Contudo, a adoração de Milei a Thatcher pode trazer controvérsias, principalmente no âmbito interno, com a admiração a uma líder que teve um papel crucial na perda argentina na guerra.

Já sobre a posição explícita de apoio a Israel, isso pode ser visto de forma negativa no cenário internacional por muitos países, principalmente quando não se reconhece o excesso das investidas israelenses. A Argentina, com essa postura, demonstra um desejo de aproximação com os Estados Unidos (que é o principal aliado de Israel) e uma busca por aproximação estratégica na região.

A declaração de Milei sobre a separação entre ideologia e economia, demonstra um perfil econômico liberal. Ao mesmo tempo que defende a relação econômica com a China, critica o comunismo chinês. Ao demonstrar esse posicionamento enquanto mantém relações comerciais, Milei busca alinhar-se ideologicamente com o Ocidente, mas ainda valoriza a abertura econômica para manter investimentos e exportações para a China. No entanto, essa dualidade pode criar desafios no âmbito interno e externo, onde a crítica ao comunismo pode ser

<sup>36</sup> WELLS, Lone. Javier Milei à BBC: 'Os perdedores que afundaram o país agora choram pelo reconhecimento internacional que tenho. BBC Brasil. 6 maio 2024.. <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1ejd50vk1no>>. Acesso em 31 de Out. 2024.

considerada popular, porém a dependência econômica da China é uma realidade na Argentina. Também, poderá ser um impeditivo a atração de investimentos chineses privados, já que empresas da China podem ver incerteza em uma Argentina crítica do governo chinês.

Por último, a afirmação de que a Argentina estará alinhada com os EUA, independentemente do governo, sugere um compromisso com a política estadunidense. Esse posicionamento, ao mesmo tempo que visa garantir proximidade com uma potência mundial, levanta preocupações importantes para a política externa, especialmente no contexto regional. Em primeiro lugar, o alinhamento automático com os EUA pode levar a uma dependência econômica que limita a autonomia da Argentina em tomar decisões soberanas, principalmente em questões econômicas e de segurança. Países do Sul Global, incluindo várias nações latino-americanas, têm buscado maior independência das influências das grandes potências, especialmente dos EUA, para fortalecer suas próprias economias e políticas internas. A postura de Milei pode, portanto, isolar a Argentina de outras nações sul-americanas que tentam fortalecer blocos regionais e reduzir a dependência externa.

Apesar de buscar maior visibilidade no sistema, o alinhamento automático pode causar uma forte dependência econômica e perda de autonomia no cenário internacional. Ao seguir automaticamente a linha dos EUA, a Argentina corre o risco de não ser vista como um ator independente, o que poderia limitar sua capacidade de negociação e de ação em organismos internacionais. Esse alinhamento direto também pode ser analisado sob a ótica do Realismo Periférico. Para Escudé, como explicado anteriormente, países da periferia, como a Argentina, devem aliar-se estrategicamente a potências para garantir benefícios econômicos e proteção. Contudo, esse relacionamento pode resultar em uma forma de dependência estrutural, onde a autonomia é sacrificada em nome da segurança econômica. No caso de Milei, sua política pode levar a uma relação de alta dependência, com efeitos que limitam a capacidade da Argentina de adotar uma postura independente.

## 4.2 Cúpula Mercosul

Em julho, foi realizada a cúpula do Mercosul no Paraguai, um evento que reuniu todos os chefes de Estado dos países membros, com exceção do presidente argentino, Javier Milei. Essa ausência foi histórica pois desde a criação do bloco em 1991, foi a primeira vez que um presidente argentino não participou de uma reunião do bloco. Durante a cúpula, foram debatidos temas econômicos essenciais para o desenvolvimento e a integração dos países membros. No entanto, Milei optou por não comparecer, uma vez que participava da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) no Brasil, ao lado do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro.

A ausência de Javier Milei na cúpula do Mercosul reflete uma posição crítica e divergente em relação ao bloco, impactando as relações da Argentina com os demais países membros. Milei, desde sua campanha, criticou o Mercosul, descrevendo-o como um sistema de "comércio administrado por Estados para favorecer empresários"<sup>37</sup> e sinalizando interesse em revisar ou até mesmo se desvincular do bloco, caso a estrutura permaneça inalterada.

Além disso, no campo diplomático, gera preocupações, uma vez que os encontros são fundamentais para o fortalecimento dos laços econômicos do bloco.

---

<sup>37</sup> GRADILONE, Cláudio. Javier Milei quer acabar com o Mercosul. Será uma bênção disfarçada?. Forbes, 2023.

Desde sua fundação, o Mercosul tem atuado não só como um bloco econômico, mas também como uma plataforma de integração diplomática, onde as nações do Cone Sul têm a oportunidade de discutir políticas regionais, alinhar suas posições internacionais e resolver tensões de maneira colaborativa. Dessa maneira, a diplomacia entre os países do Mercosul é essencial para a estabilidade política e econômica na América do Sul. Ao priorizar um evento político com líderes conservadores, Milei sinalizou uma mudança na direção dos interesses Argentina, o que pode dificultar a confiança no compromisso argentino com o bloco.

### 4.3 Discurso Assembleia Geral da ONU

Em seu primeiro discurso como presidente na Nação Argentina, Milei discursou sobre diversas pautas que refletem o interesse do novo governo. A sua fala iniciou com o reconhecimento do valor histórico da ONU, mas logo mudou para uma postura mais crítica. O presidente afirmou que a organização desviou-se do seu papel central, transformando-se em, como mencionado no discurso,

Una organización que había sido pensada – esencialmente - como un escudo para proteger el Reino de los Hombres se transformó en un Leviatán de múltiples tentáculos, que pretende decidir no sólo qué debe hacer cada Estado-Nación, sino también cómo deben vivir todos los ciudadanos del mundo.<sup>38</sup>

Ou seja, nesse contexto, afirma que a ONU promove uma agenda ideológica e que ameaça a soberania e autonomia dos Estados.

Discute também a posição Argentina frente a agenda 2030<sup>39</sup>, uma vez que, nas palavras do presidente, trata-se de um “programa governamental supranacional socialista”<sup>40</sup>. Dessa maneira, esse programa infringiria a liberdade e propriedade dos cidadãos.

Além disso, ele argumentou que a ONU tem sido uma das principais defensoras da violação sistemática da liberdade. Como exemplo, Milei citou as quarentenas globais impostas durante a pandemia de Covid-19, que, segundo ele, deveriam ser consideradas crimes contra a humanidade. Ele também criticou os comitês da ONU que defendem os direitos das mulheres, mas permitem a participação de países que reprimem os direitos das mulheres.

No plano econômico, o presidente acredita que estão sendo promovidas políticas coletivistas, que prejudicam o desenvolvimento global e violam o direito à propriedade. Ele também aborda a relação com os organismos de crédito global, que, segundo ele, mantêm os Estados em dívida permanente para atender à “agenda de las elites globais”<sup>41</sup>. Além disso, acusa o Fórum Econômico Mundial de promover políticas ineficazes e prejudiciais.

Em relação às Ilhas Malvinas, Milei enfatiza que a organização falhou em defender a soberania territorial dos países, em especial a da Argentina. Ele também critica o Conselho de Segurança, argumentando que o poder de veto atende

<sup>38</sup> CASA ROSADA. Palabras del Presidente de la Nación Javier Milei, en el debate general, del 79 Período de Sesiones, de la Asamblea General de Naciones Unidas, Nueva York, Estados Unidos.

<sup>39</sup> Plano e metas de 17 objetivos para colocar o mundo em uma direção mais sustentável até 2030.

<sup>40</sup> CASA ROSADA. Palabras del Presidente de la Nación Javier Milei, en el debate general, del 79 Período de Sesiones, de la Asamblea General de Naciones Unidas, Nueva York, Estados Unidos.

<sup>41</sup> CASA ROSADA. Palabras del Presidente de la Nación Javier Milei, en el debate general, del 79 Período de Sesiones, de la Asamblea General de Naciones Unidas, Nueva York, Estados Unidos.

exclusivamente aos interesses particulares dos países membros. O presidente encerrou seu discurso afirmando que a Argentina está em um processo de transformação e que agora a política internacional do país será guiada pelos princípios de liberdade. Reiterou que o Estado argentino não apoiará políticas que impliquem em restrições às liberdades individuais e propôs uma nova agenda para a instituição “la agenda de la libertad”.

A posição de Milei representa a mudança, como já mencionado, do governo anterior. A sua crítica a ONU sinaliza a disposição da administração atual em contestar o statu-quo e manter a promessa antissistema exposta em sua campanha. Também, representa um desejo maior de colocar os interesses nacionais à frente dos alinhamentos tradicionais de política.

Além disso, a opinião contrária em relação a Agenda 2030, representa a busca de uma Argentina mais independente e com foco nos princípios liberais. Essa busca pode significar um afastamento de políticas de cooperação e desenvolvimento internacionais. Ao adotar esses princípios de afastamento da cooperação, a Argentina corre o risco de mudar sua imagem internacional e limitar seu alcance em negociações, na sua influência e enfraquecendo sua posição multilateral. Entretanto, essa postura poderá atrair a atenção de países que compartilham a visão antissistema de Milei.

No contexto das Ilhas Malvinas, Milei criticou o desempenho da ONU em garantir a soberania. Isso representa uma estratégia de reafirmação da reivindicação das Malvinas, exposta na Constituição Argentina. Esse posicionamento já é tradicional e se tornou uma política de Estado.

#### 4.4 Votação na Assembleia geral da ONU

No dia 29 de outubro de 2024, Cuba apresentou mais uma vez, perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, uma resolução contra o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. A resolução foi aprovada por 187 países, com exceção dos Estados Unidos e de Israel. Entre os participantes da reunião estava a ex-chanceler argentina Diana Mondino, que votou a favor de Cuba. É importante destacar que a Argentina tem historicamente adotado uma posição contrária aos embargos, não necessariamente em apoio direto a Cuba, mas em oposição a sanções unilaterais. No entanto, o voto argentino contradisse as ideias do presidente Javier Milei, conforme destacou o Jornal La Nación,

Al apoyo a Cuba se sumaba a los gestos de distensión con Brasil y el acercamiento a China, todos países “comunistas” con quienes el entonces candidato presidencial Milei prometió no tener vínculos de ningún tipo, durante la campaña que lo llevó a la Casa Rosada.<sup>42</sup>

Como resultado, Diana renunciou ao cargo. Em resposta o Porta-voz presidencial. Responsável pela comunicação do governo nacional, Manuel Adorni, comentou “La posición de Milei es muy clara, estamos con Estados Unidos e Israel. Estamos acá para impulsar la agenda del Presidente. Lo demás hay que preguntarle a la excanciller”<sup>43</sup>

<sup>42</sup> MARELLI, Guillermo. Francos habló de la salida de Mondino del Gobierno: “A Milei le molestó enterarse por terceros. La Nación, 2024.

<sup>43</sup> BOURBON, Tadeo. El Gobierno oficializó la renuncia de Diana Mondino y el nombramiento de Gerardo Werthein como su reemplazante. La Nación, 2024.

Além disso, por meio do Comunicado Oficial nº 65 da Presidência, foi afirmado que o corpo diplomático argentino deve refletir em cada decisão os valores de liberdade, soberania e direitos individuais que caracterizam as democracias ocidentais. O governo argentino posiciona-se contra o regime cubano e manterá sua política externa firme na condenação de governos que perpetuem a violação dos direitos humanos e das liberdades individuais. Nesse sentido, o Poder Executivo anunciou o início de uma auditoria destinada a identificar “impulsores de agendas enemigas de la libertad”<sup>44</sup>. Ao analisarmos o propósito dessa auditoria sugerida por Milei, torna-se evidente que, apesar da tradição histórica da política externa argentina, sua administração adota uma linha oposta, centrada em valores definidos por sua gestão. Assim, essa postura reflete uma Política Externa de Governo, distinta da Política Externa de Estado.

Em analogia, a renúncia de Mondino, em meio a polêmica sobre o voto contra o embargo dos EUA, ilustra um ponto-chave da Teoria do Realismo Periférico de Carlos Escudé. Como mencionado, essa teoria defende que países periféricos, como a Argentina, devem adotar uma posição de política externa alinhando-se às grandes potências para maximizar seus interesses. Para Escudé, os países têm menos poder de barganha no sistema internacional de forma autônoma, por isso, uma aliança, nesse caso com os EUA, é um caminho estratégico para garantir benefícios.

No contexto Milei, é observado uma inclinação ao alinhamento com os Estados Unidos. A administração do presidente adota uma posição de aliança com as políticas estadunidenses, tanto em fóruns internacionais quanto nos discursos. A decisão de Mondino de votar em apoio à resolução de Cuba, em linha com a tradição argentina, coloca o país em uma posição de tensão entre manter um histórico de autonomia em algumas questões internacionais e se alinhar rigidamente à agenda de seus novos aliados.

Assim, o contexto expõe a limitação da Argentina em articular uma política externa independente sem colocar em risco o apoio das potências aliadas. Milei, ao exigir que a diplomacia argentina reflita estritamente os valores de liberdade ocidental, sinaliza um caminho prescrito pelo Realismo Periférico. Sendo ele, abrir mão de algumas tradições de autonomia para buscar vantagens específicas de uma aliança estratégica, essencialmente com os EUA, mesmo que isso signifique renunciar a posicionamentos históricos do país.

#### **4.5 Reação a vitória de Trump**

Através das suas redes sociais, Milei felicitou Trump pela formidável vitória nas eleições norte-americanas. O presidente argentino mencionou que Trump pode contar com a Argentina para realizar a tarefa de “Make America Great Again”<sup>45</sup>. Na sequência, o porta-voz do governo argentino, Manuel Adorni, fez um pronunciamento em nome do presidente Javier Milei, felicitando Trump. Ele reafirmou o alinhamento ideológico forte entre os países e destacou que “Trump es un exponente del mundo libre occidental y capitalista, su liderazgo va a encontrar un apoyo incondicional, de nuestro país, para defender la vida, la libertad y la

---

<sup>44</sup> OFICINA DEL PRESIDENTE. Comunicado Oficial Número 65. 2024.

<sup>45</sup> Slogan patenteado por Donald Trump.

propiedad.”<sup>46</sup>. Também, afirmou que a Argentina e os EUA juntos representam um “faro de libertad en un mundo, que perdió el rumbo, a mano de ideas erróneas”<sup>47</sup>.

Dessa maneira, as reações sobre a vitória estão em linha com a postura que Milei tem mantido em sua política externa, marcada por um forte apoio aos valores capitalistas e uma crítica aberta aos regimes socialistas e comunistas. Essa demonstração de apoio explícito a Trump reflete a visão de uma Argentina alinhada às potências de direita, especialmente os EUA, como um pilar da “liberdade” no mundo. Ao posicionar a Argentina como parceira e defensora dos mesmos ideais, Milei está sinalizando ao cenário internacional uma mudança nas relações exteriores, que historicamente buscava equilíbrio entre diversas potências. Assim, ao reforçar uma ligação direta com os EUA e com a figura de Trump, o presidente aponta uma política de polarização, com impacto potencial nas relações com os demais países latino-americanos, muitos dos quais defendem uma postura de autonomia em relação à influência dos EUA.

## 5. CONCLUSÃO

Na análise da política externa da Argentina sob o governo de Javier Milei, ficou evidente que seus discursos têm grande influência na compreensão dos objetivos estratégicos do país no cenário internacional. A política externa da Argentina tem sido influenciada por duas abordagens principais: uma centrada na América Latina e nas alianças com países emergentes, e outra voltada para uma inserção mais alinhada com as potências hegemônicas, especialmente os Estados Unidos. O governo de Javier Milei adota uma postura que se encaixa predominantemente na segunda abordagem.

As declarações de Milei sobre alinhamento com os Estados Unidos e sua postura crítica em relação a potências como China e Brasil revelam um movimento em direção a uma maior proximidade com as potências centrais, o que representa uma mudança significativa no alinhamento internacional da Argentina. Milei adota um apoio irrestrito à agenda dos Estados Unidos, o que reflete um compromisso ideológico com a defesa do “mundo livre” e das democracias ocidentais capitalistas. Ao mesmo tempo, seu distanciamento das potências regionais, como visto em sua ausência na cúpula do Mercosul, demonstra uma postura que enfraquece a capacidade da Argentina de se posicionar como líder regional e compromete sua autonomia no cenário internacional. Ademais, é explícito como nas falas é indicado uma busca por uma inserção subordinada aos Estados Unidos. Esse cenário é coerente com a teoria do Realismo Periférico, de Escudé, descrevendo como a Argentina pode buscar tirar proveito da posição de poder das potências centrais, ainda que isso envolva uma perda de capacidade de decisão autônoma.

A administração de Milei reflete uma continuidade de uma política externa mais próxima dos governos de Carlos Menem e Mauricio Macri, mas de maneira mais radical, o que demonstra uma nova fase na política internacional argentina. Como mencionado, ao se alinhar com os Estados Unidos e se distanciar de potências emergentes e da própria região, a Argentina compromete sua capacidade de articular uma política externa independente, perdendo poder de barganha e tornando-se mais vulnerável a interesses externos. Isso reflete uma dependência

---

<sup>46</sup> CASA ROSADA. Conferencia de prensa del Vocero Presidencial, Manuel Adorni, desde Casa Rosada. 06 Nov. de 2024.

<sup>47</sup> CASA ROSADA. Conferencia de prensa del Vocero Presidencial, Manuel Adorni, desde Casa Rosada. 06 Nov. de 2024.

estratégica que pode limitar a capacidade da Argentina de influenciar as decisões internacionais que afetam diretamente seus interesses.

Em resumo, a política externa de Milei, como evidenciado por suas declarações, representa uma tentativa de inserção mais extrema, mas à custa de um enfraquecimento significativo da autonomia. Além disso, essa postura reflete um distanciamento das questões regionais, que historicamente foram de grande importância para o país, como sua liderança no Mercosul e o estreitamento de laços com os vizinhos sul-americanos. Ou seja, o mandato de Javier Milei sinaliza uma mudança, que, embora compartilhe semelhanças com os posicionamentos de presidentes anteriores, se caracteriza por uma abordagem muito menos pragmática.

Salienta-se que foi considerada a possibilidade de incluir os discursos de Milei durante a campanha eleitoral. Contudo, constatou-se que, apesar das semelhanças ideológicas, as ações e os pronunciamentos de um chefe de Estado muitas vezes diferem significativamente daqueles realizados em um contexto de campanha.

Por fim, é essencial notar que esta análise representa apenas uma perspectiva inicial e não pretende encerrar a investigação sobre a política externa de Javier Milei. Dado que sua administração ainda está em andamento, muitas das decisões estratégicas ainda não foram completamente implementadas. Assim, os desdobramentos futuros poderão trazer novas reconfigurações que não foram captadas nesta análise. A dinâmica da política internacional, as reações dos demais atores globais e regionais, bem como as implicações domésticas das escolhas externas do governo, são fatores que continuarão a moldar a atuação da Argentina no cenário mundial. Deste modo, este tema oferece um campo fértil para estudos futuros, que poderão aprofundar a compreensão sobre os efeitos de longo prazo das políticas adotadas e sobre como estas impactarão a posição da Argentina no sistema internacional.

## 6. REFERÊNCIAS

ARGENTINA. **Constitución de La Nación Argentina**, 1994. Buenos Aires, Cámara de Diputados de la Nación.

BOURBON, Tadeo. **El Gobierno oficializó la renuncia de Diana Mondino y el nombramiento de Gerardo Werthein como su reemplazante**. La Nación, 2024. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/el-gobierno-oficializo-la-renuncia-de-diana-mondino-y-el-nombramiento-de-gerardo-werthein-como-su-nid01112024/>. Acesso em: 06 Nov. 2024.

BRAVI, Bárbara; et al. **Los atisbos autonomistas: Las políticas exteriores de los gobiernos radicales (1916-1930)**. In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

BUSSO, Anabella Estela; BARRETO, Luis Maximiliano. **Política exterior y de defensa en Argentina. De los gobiernos kirchneristas a Mauricio Macri (2003-2019)**. URVIO Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad. 2020. [http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1390-42992020000200074](http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1390-42992020000200074)

CASA ROSADA. **Conferencia de prensa del Vocero Presidencial, Manuel Adorni, desde Casa Rosada.** 06 Nov. de 2024. Disponível em <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/conferencias/50758-conferencia-de-prensa-del-vocero-presidencial-manuel-adorni-desde-casa-rosada-71>. Acesso em: 06 Nov. 2024.

CASA ROSADA. **Palabras del Presidente de la Nación Javier Milei, en el debate general, del 79 Período de Sesiones, de la Asamblea General de Naciones Unidas, Nueva York, Estados Unidos.** 2024. Disponível em <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/discursos/50676-palabras-del-presidente-de-la-nacion-javier-milei-en-el-debate-general-del-79-periodo-de-sesiones-de-la-asamblea-general-de-naciones-unidas-nueva-york-estados-unidos>>. Acesso em: 06 Nov. 2024.

ESCUDE, Carlos. REALISMO PERIFÉRICO. In: DEVÉS, Eduardo; ÁLVAREZ, T. Silvia. (eds.). **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras.** 1. ed. Ariadna Ediciones. 2020. p. 35-39.

ESCUDE, Carlos apud PEREIRA, de Oliveira Matheus. **Autonomia e Política Externa em Juan Carlos Puig e Carlos Escudé.** Revista Carta Internacional. 2023.

FIGUEIRA, Ariane Roder. **Introdução à análise de política externa,** São Paulo: Saraiva, 2011.

GÓMEZ, Federico. BERJ, Cristen. **Política exterior del “Proceso de Reorganización Nacional” (1976-1983).** In: SIMONOFF, Alejandro. La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

GRADILONE, Cláudio. **Javier Milei quer acabar com o Mercosul. Será uma bênção disfarçada?** Forbes, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/11/javier-milei-quer-acabar-com-o-mercossul-sera-uma-bencao-disfarcada/>. Acesso em: 11 Nov. 2024.

WELLS, Ione. **Javier Milei à BBC: ‘Os perdedores que afundaram o país agora choram pelo reconhecimento internacional que tenho.** BBC Brasil. 6 maio 2024. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1ejd50vk1no>. Acesso em 31 de Out. 2024.

MARELLI, Guillermo. **Franco habló de la salida de Mondino del Gobierno: “A Milei le molestó enterarse por terceros.** La Nación, 2024. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/franco-hablo-de-la-salida-de-mondino-del-gobierno-y-no-descarto-otro-cargo-para-la-excanciller-nid01112024/>. Acesso em: 06 Nov. 2024.

MERLE, Marcel; BRAILLARD, Philippe. **Política externa e relações internacionais. Teoria das relações internacionais.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

p. 260. apud FIGUEIRA, Ariane Roder. *Introdução à análise de política externa*, São Paulo: Saraiva, 2011.

PARADISO, José. **Um Lugar no Mundo: A Argentina e a Busca de Identidade Internacional**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, de Oliveira Matheus. **Autonomia e Política Externa em Juan Carlos Puig e Carlos Escudé**. *Revista Carta Internacional*. 2023.

PORTO, Douglas. **Javier Milei é eleito presidente da Argentina**. CNN Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/javier-milei-e-eleito-presidente-da-argentina/>. Acesso em: 11 nov. de 2024.

PUIG, 1998 apud SIMONOFF, Alejandro. **La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad**. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

RAFANELLI, Pilar. **Las relaciones exteriores del gobierno de “La Alianza” (1999-2001)**. In: SIMONOFF, Alejandro. *La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad*. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010. p. 387-397.

RUSSO, SEBASTIÁN. **EN BUSCA DEL DINAMISMO PRAGMÁTICO LA POLÍTICA EXTERIOR DE ALBERTO FERNÁNDEZ (2019-2022)**. Centro de Reflexión en Política Internacional – CeRPI. 2022.

SIMONOFF, Alejandro. **La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo: las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad**. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.

ZURITA, María Zurita. **La política exterior de Alfonsín (1983-1989)**. In: SIMONOFF, Alejandro. *La Argentina y el mundo frente al bicentenario de la Revolución de Mayo : las relaciones exteriores argentinas desde la secesión de España hasta la actualidad*. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2010.